

## Artigo de Opinião

### 43 anos depois da Revolução de Abril, somos uma democracia adulta e madura?

A questão colocada remete-nos para a natureza da revolução portuguesa de 1974 e para as especificidades da construção da democracia em Portugal, filha direta desse acontecimento histórico.

Foi no respirar das horas revolucionárias que a democracia foi gerada e, mais que isso, imposta. Dia a dia, mês sobre mês, nas ruas das cidades principais ouviu-se um vozear imperativo e massivo a reclamar por uma nova ordem democrática, participada, que cortasse de uma vez por todas com a distância entre os poderes e os cidadãos.

Uma nova ordem que decretasse as liberdades públicas, para que jamais fossem incumpridas ou neutralizadas; que lançasse as bases de um Estado Social que pusesse fim à negligência criminosa do fascismo face à pobreza, à doença, ao ensino, que interviesse na habitação e em tudo aquilo em que o anterior regime havia sido conscientemente omissivo.

Quando em toda a Europa o bem-estar dos cidadãos ascendia à condição de prioridade, em Portugal 40% do orçamento ia diretamente para a guerra colonial. Por isso havia vergonhosas bolsas de pobreza, por isso havia uma inaceitável taxa de analfabetismo, por isso as pessoas eram deixadas à sua sorte na doença.

O Estado Social, esse compromisso entre o Estado e o seu povo, esse pacto forte em que o Estado assume a responsabilidade social de proporcionar aos cidadãos uma existência digna, com um Sistema Nacional de Saúde (SNS) tendencialmente gratuito, com uma educação pública e cidadã, com a instauração de um Estado de Direito, foi imposto e celebrado pela Revolução.

Foi a Revolução que fez, concebeu e manteve a democracia. Foi a Revolução que conseguiu transformar este país de tal forma que seria inviável qualquer solução que não respeitasse as regras básicas do viver democrático.

E se hoje, 43 anos depois, sopram ventos adversos, com uma Europa incapaz de resolver crises sucessivas, a vociferar e clamar por políticas permanentemente baseadas na violência económica dos cortes e na violência do tem de ser, não obstante todas as dificuldades, a democracia portuguesa mantém a plasticidade e a força suficientes para levar por diante uma *geringonça* que a salve do desastre em que a direita insistia em metê-la.

Lá atrás, no tempo, está a Revolução de Abril, aquela que nos deu nozes e dentes.

**Albérico Afonso Costa**

**Professor coordenador**

**Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE/IPS)**

*In O Setubalense (13-09-2017)*